

O príncipe dos Slooghies

CONCEITOS A EXPLORAR

L íngua portuguesa	Literatura oral.
	Linguagem poética.
	Regionalismo e universalidade na literatura.
B iologia	Seleção natural e seleção artificial.
A ntropologia	Natureza e cultura.
	Práticas sociais: a dimensão simbólica das práticas sociais.
	Hierarquia e segmentação nas relações humanas.
	Tipo físico humano.

COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER

L íngua portuguesa	Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos e contextos mediante a natureza, a função, a organização e a estrutura, e de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de idéias e escolhas).
	Confrontar opiniões e pontos de vista acerca das diferentes manifestações da linguagem verbal – dimensão dialógica da linguagem
	Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, nos eixos temporal e espacial.
	Articular as redes de diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita e seus códigos sociais, contextuais e lingüísticos.
B iologia	Identificar variáveis relevantes e selecionar os procedimentos necessários para a produção, a análise e a interpretação de resultados de processos e experimentos científicos e tecnológicos.
	Elaborar estratégias de enfrentamento das questões.
	Entender o impacto das tecnologias associadas às Ciências Naturais em sua vida pessoal, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.
	Selecionar e utilizar metodologias científicas adequadas para a resolução de problemas usando, quando for o caso, tratamento estatístico para analisar os dados coletados.
A ntropologia	Compreender a sociedade, sua gênese e sua transformação, bem como os múltiplos fatores que nela intervêm, como produto da ação humana.

Perceber a si mesmo como agente social e aos processos sociais como orientadores da dinâmica dos diferentes grupos de indivíduos.

Compreender e valorizar as diferentes manifestações culturais de etnias e segmentos sociais.

INTERFACE COM OUTRAS DISCIPLINAS

Geografia

Povos nômades.

Leitura do espaço geográfico.

Marrocos.

História

Eugenia.

Islã, os árabes na Península Ibérica.

Sociologia

Indivíduo e sociedade; relação do indivíduo com a coletividade a que pertence.

SUGESTÕES PARA EXPLORAR O VÍDEO

Língua Portuguesa

Rachel Trajber

Use o vídeo como introdução para uma aula a respeito da tradição oral na literatura brasileira. Exiba o vídeo no final de uma aula anterior e, sem explicar para quê, peça para os alunos, antes da próxima aula:

- pesquisarem contos tradicionais transcritos (contos da Carrochinha, de Trancoso, de fadas etc.);
- conversarem com seus pais, avós ou outras pessoas mais velhas, pedindo para contarem esse tipo de história.

Ao trabalhar os contos populares coletados pelos alunos, mostre como diversos deles seguem uma estrutura similar à do conto marroquino do vídeo, apresentando:

- uma abertura explicativa de uma situação estável e rotineira (caçador vivendo tranquilamente com seu cachorro);
- uma situação nova de ruptura apresentada pelo destino (cachorro encontra Zia, a cadela do Caid e o caçador entra em contato com Yasmina, a serva);
- um vilão que quer interferir no destino (além de querer continuar como chefe dos caçadores, trazendo um macho para a Zia, o Mokadem é um pai ciumento);
- uma série de provas para o herói (caçador e Jná, o cachorro, participam do concurso de caça);
- e um final feliz, no qual a harmonia do início é reencontrada, em um novo patamar.

Atividades

- **Oriente a leitura de trechos do livro *Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa, para comparar com situações observadas no vídeo, como por exemplo, em partes que o autor fala dos cachorros:**

Tantos cachorros. Gigão – o maior, maior, todo preto: diziam o capaz que caçava até onça: gostava de brincar com os meninos, defendia-os de tudo. Os três veadeiros brancos: Seu-Nome, Zé-Rocha e Julinho-da-Túlia – José Rocha, e Julinho da Túlia sendo nomes de pessoas, ainda do Pau-Rocho, e de

Mostre para os alunos como nos contos populares há elementos universais e arquetípicos.

No conto do vídeo, o local e o regional transparecem principalmente na paisagem desértica, nas casas e nas roupas. Em várias oportunidades, até a língua local é ouvida, sem tradução do narrador. Aproveite para trabalhar com seus alunos as sonoridades, chamando sua atenção para que observem como a melodia e a intonação nos permitem inferir em parte os sentimentos expressos pelas personagens.

Discuta as influências da língua e da cultura mouras tanto na língua quanto na música de Portugal e do Brasil, em decorrência do período de ocupação árabe na Península Ibérica. Certamente os alunos já estudaram esses acontecimentos no ensino fundamental.

Ao comentar o formato de conto folclórico, fale do regionalismo na literatura brasileira que, com frequência, trata o tradicional e o rural sob um ângulo pitoresco e até estereotipado, estilo que, com João Guimarães Rosa, atinge o nível de grande literatura.

Compare a vida no deserto e a cultura popular do Marrocos com o sertão mineiro e a linguagem do sertanejo que Guimarães Rosa registra: nos dois casos se reproduz uma realidade geográfica, social e política, mas também psicológica e metafísica – o amor, o bem e o mal, valores individuais, respeito e orgulho, violência e destino.

quem o pai de Miguilim tivera ódio; mas, com o tempo, o ódio se exalara, ninguém falava mais o antigo, os dois cachorros eram Zerró e Julim. Os quatro paqueiros de trela, rajados com diferenças, três machos e uma fêmea, que nunca se separavam, pequenos e reboludos: Caráter, Caiita, Soprado e Floresto. E o Perdigueiro Rio-Belo, que tresdoidado tinha morrido, de comer algum bicho venenoso. [...]

E na hora da caçada:

Ali mesmo, para cima do curral, vez pe-

garam um tatu-pepa – como roncou! – o tatu-pavinha é que é o que ronca mais, quando os cachorros o encantoam. Os cachorros estritam com ele, rodeavam – era tatúa-fêmea – ela encapota, fala, choraminguda; peleja para furar buraco, os cachorros não deixam. Os cachorros viraram com ela no chão, ela tornava a se desvirar, ligeiro. A gente via que ela podia correr muito, se os cachorros deixassem [...]

Então [pensava Miguilim], mas por que é que Pai e os outros se praziam tão risinhos, doidavam, tão animados alegres, na

hora de caçar atoa, de matar tatu e os outros bichinhos desvalidos? Mais nem queriam que ele Miguilim tivesse pena do tatu – pobrezinho de Deus sozinho em seu ofício, carecido de nenhuma amizade. [...]

- Peça para os alunos recolherem contos orais, gravando entrevistas com as pessoas mais velhas da comunidade. Feito o registro, eles devem transcrever a narrativa e classificar os contos por gênero. Pode-se começar assim a montar na biblioteca escolar um arquivo de literatura oral.

Biologia

Miguel Angelo Thompson Rios

O vídeo oferece uma boa oportunidade para discutir a importância das características hereditárias e o papel do processo de seleção na evolução dos organismos.

S seleção artificial e natural

A seleção artificial consiste em promover a reprodução entre determinados animais selecionados que possuam as qualidades desejadas, desprezando os demais. No vídeo, o desejo do senhor da região era encontrar um macho que fosse um bom caçador, para cruzar com sua fêmea.

A multiplicação deliberada de animais e plantas tem ocupado o homem há milênios, permitindo a criação de muitas variedades capazes de fornecer melhor qualidade e/ou maior quantidade de alimento, além de melhores serviços por parte das espécies domesticadas. Com isso, o ser humano procura induzir efeitos equivalentes aos da seleção natural.

Darwin acreditava que a seleção artificial indicava um possível caminho da evolução. Vivendo em uma região agropecuária da Inglaterra, ele observou as práticas adotadas pelos fazendeiros locais no sentido de melhorar seus rebanhos, sem nada saber dos conceitos de genética. Constatou que os criadores obtinham novas variedades, correspondentes a mudanças evolutivas, ao cruzar indivíduos que casualmente apresentavam características evolutivas desejadas por eles.

Enquanto a seleção artificial ocorre em um curto espaço de tempo, a seleção natural ocorre ao longo do tempo geológico, propiciando a transmissão de características surgidas ao acaso e que são favoráveis ao ambiente habitado por determinada população.

Esse é o processo pelo qual muitas linhagens de vegetais são selecionadas especialmente para o consumo humano, como por exemplo os frutos sem sementes, como as bananas e algumas variedades de uva e laranja.

Atualmente a seleção artificial tem usado tecnologias de manipulação do DNA, criando os chamados **organismos transgênicos**: o genoma da espécie é modificado pela introdução de genes responsáveis por características que aquela espécie não possui.

A seleção artificial gera indivíduos apreciados por determinadas características, mas permite que muitas outras características sejam negligenciadas. As ditas espécies de raça pura são muito suscetíveis a doenças. No processo de domesticação do milho (*Zea mays*), por exemplo, o homem introdu-

ziu tantas modificações que a planta já não sobrevive sem ajuda humana. Por outro lado, as espécies

híbridas, ou 'vira-latas', são bem mais resistentes graças à grande variabilidade genética.

Atividades

- Peça para os alunos fazerem uma pesquisa, entrevistando pessoas que possuem cães e gatos de raça pura e outras cujos animais são híbridos, isto é, não têm raça pura. Oriente para que comparem os cuidados que cada um desses grupos tem com seus animais.
 - Qual deles precisa mais cuidados?
 - Qual adocece mais facilmente?
- Promova um debate acerca da possibilidade de selecionar espécimes humanos com 'boas' qualidades.
 - Seria ético?
 - A quem interessariam essas qualidades?
 - E o que haveria com aqueles que não apresentassem as características desejadas?
- Oriente para que façam uma pesquisa acerca de organismos transgênicos, levantando os prós e os contras dessa tecnologia e discutindo seus aspectos éticos.

Antropologia

Laercio Fidelis Dias

O vídeo é ideal para estudar os povos da África setentrional, onde a população predominante é branca e muçulmana (bem distinta das populações ao sul do Saara, constituídas por uma pluralidade de etnias negras).

Embora não seja possível um estudo intenso do assunto, procure explorar a diversidade de

culturas e de tipos físicos humanos do continente africano. Chame a atenção para a cena em que Mokaden vai até o centro da província anunciar as instruções do senhor. Ali é possível observar bem o tipo físico mais comum na região, as atividades profissionais desenvolvidas pelas pessoas e os gêneros comercializados.

No vídeo se observa claramente como os universos simbólicos se articulam com as diferentes dimensões de organização social. Isso contribui para visualizar e com-

preender, de maneira emblemática, o papel dos processos coletivos de elaboração simbólica na criação, na reprodução e na reinvenção das realidades sociais.

Explore a relação de continuidade que existe entre cão, caçador, caçada, senhor da província e hierarquia social, explicitando-a para que os alunos a sintam como se estivessem em campo; mostre como o antropólogo trabalha.

Estimule os alunos a perceber como, felizes

na caçada, o caçador e o cão ganham status e isso minimiza a distância hierárquica que os separa do senhor da província e de sua Slooghia, a ponto de o Slooghie do caçador ser escolhido para cruzar com a Slooghia do senhor.

Atividades

- Selecione outras fitas abordando os temas específicos de pequenas comunidades rurais, indígenas ou mesmo urbanas, para trabalhar com os alunos de maneira equivalente. A *Festa da moça*, vídeo que trata de um ritual de passagem entre os índios nambikwara do Brasil Central, é uma boa opção.
- Leve os alunos para participar de uma festa ou de um ritual popular em que seja possível observar e registrar os diferentes agentes sociais envolvidos, bem como o papel ou o significado de cada um deles no quadro mais amplo do evento. Um exemplo é a festa de Corpus Christi, na cidade paulista de Santana do Parnaíba. Outras boas situações são as festas de Iemanjá, as festas de santos e as festas juninas, que ocorrem por toda parte.

Procure desenvolver nos alunos a habilidade de estabelecer relações entre os diferentes aspectos

da vida social, tornando-os cada vez mais capazes de ter uma visão do todo a partir da parte.

Comportamento de raças caninas

Essa fita abre espaço para os professores de Biologia, Antropologia e Sociologia discutirem com seus alunos a influência que o comportamento dos cães recebe do convívio com seus donos.

Levante a discussão a respeito de um tema que tem sido objeto de grande controvérsia:

Existem raças caninas inexoravelmente violentas, que por esse motivo precisam ser extintas?

Os cães são animais altamente sociáveis, para os quais a família à qual pertencem funciona como se fosse o grupo de membros de uma matilha. Assim, o comportamento de um cachorro só pode ser bem compreendido dentro do quadro de referência do comportamento dos outros membros da matilha, aqui representada pelos membros da família humana.

Consulte também

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1997.

DA MATTA, Roberto. "Você tem cultura?", in *Ensaio de Sociologia Interpretativa*. Rio de Janeiro, Rocco, 1986, pp. 121-128.

DURKHEIM, Émile. "Algumas formas primitivas de classificação", in *Durkheim*, Coleção "Grandes Cientistas Sociais". São Paulo, Ática, 1990.

———. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Paulinas, 1989.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de

Janeiro, Guanabara, 1989.

GUIMARÃES ROSA, João. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.

LARAIÁ, Roque. *Cultura, um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "Natureza e cultura", in *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, Vozes, 1982.

MARY, DOUGLAS. "As abominações do Levítico", in *Pureza e perigo*. São Paulo, Perspectiva, 1976.

TOIRA, Philippe Laburthe & WARNIER, Jean-Pierre. *Etnologia e Antropologia*. Petrópolis, Vozes, 1997.